

Em São Sebastião, cidade que registrou o maior número de casos de hantavirose em 2004, técnicos orientam os moradores sobre as formas de prevenção e apontam as regiões que apresentam perigo

Áreas de risco são mapeadas

MARIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

Depois do susto em 2004, os moradores da cidade que registrou a primeira vítima de hantavirose do Distrito Federal ainda se mobilizam para evitar novos casos. No ano passado, 13 pessoas foram infectadas com o vírus em São Sebastião. Cinco delas morreram. Técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) percorrem as propriedades rurais, enquanto 16 equipes do Programa Família Saudável (PFS) orientam os moradores da área urbana. Desde o final de abril, quando a Secretaria de Saúde anunciou que já havia risco de transmissão com a proximidade da estiagem, o trabalho de prevenção foi intensificado na cidade.

Em 2004, toneladas de entulho e lixo foram retiradas nas ruas. Hoje, é mais raro encontrar pilhas de sujeira. Mas ainda há muito o que fazer, segundo a supervisora do PFS, Maria Isaura Gonçalves. "Em 2004, montamos uma operação de guerra. Agora, temos que fazer uma manutenção das ações e trabalhar a parte educativa." As equipes fizeram um mapeamento das situações de risco, como casas ao lado de matas, lixo depositado de maneira inadequada, falta de coleta em horários fixos.

Segundo a diretora da Regional de Saúde, Cristiane Henriques, o documento será encaminhado até sexta-feira ao administrador da cidade, César Lacerda. Mesmo sem estar com o mapeamento em mãos, Lacerda garantiu que já começou a tomar medidas. "A coleta tem horários, mas atrasa porque os caminhões não conseguem entrar em algumas ruas sem asfalto. Mas já estou em negociação com a Secretaria de Obras para resolver isso."

O Residencial Bosque I é uma das regiões onde as equipes identificaram situações de risco. A menos de 15 metros das casas, existem matas com presença de braquiária. Os moradores são visitados com frequência e orientados, como a dona-de-casa Joana Souza Alencar, 56 anos. Ela costuma juntar madeira no chão, antes de usá-la no fogão a lenha. Depois de receber a visita de enfermeiros e agentes comunitários do PSF, começou a depositar as madeiras sobre uma armação, a 50 centímetros do chão. Mas ainda falta corrigir outras falhas. "Ela não deve deixar a comida das galinhas no chão. Precisa depositar o lixo nas lixeiras", explica a enfermeira Charmene Menezes. "Vou fazer tudo direitinho. Tenho muito medo de que o rato da hantavirose apareça aqui", diz Joana.

CUIDADOS EM ÁREAS VERDES E ACAMPAMENTOS

Ao visitar casas ou albergues pouco movimentados, é necessário arejar primeiro o ambiente e, se possível, permitir a entrada da luz solar. Essas medidas diminuem a concentração do vírus.

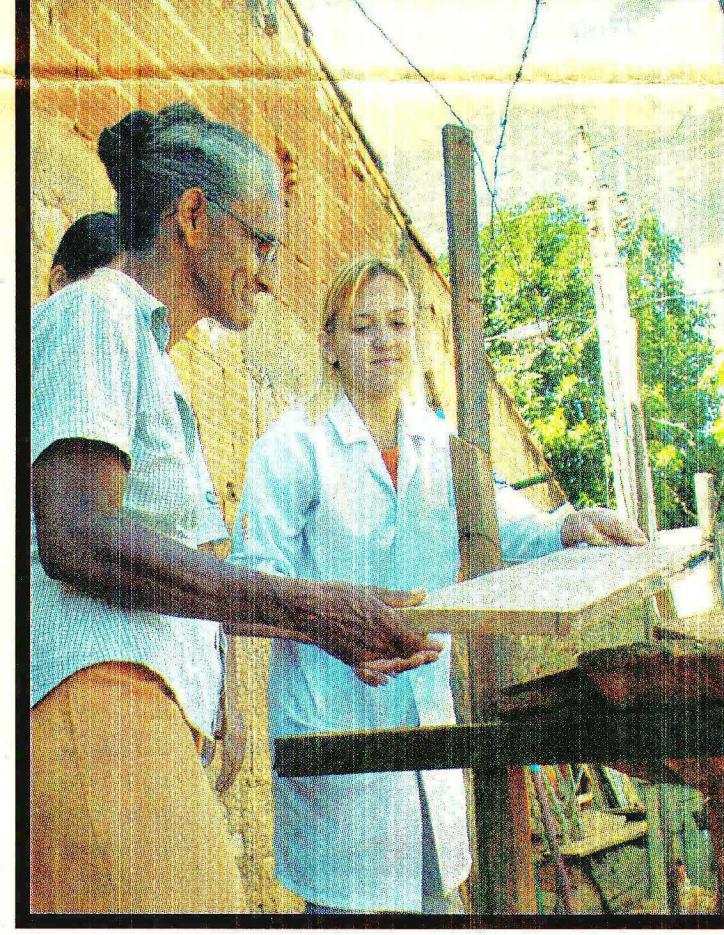
Procure manter a limpeza de onde vai ficar, mas evite varrer o chão seco. Isso faz com que a poeira suba. Caso esteja contaminado com fezes e urina seca, o pó levará o hantavírus para as vias respiratórias.

Use uma solução na proporção de uma parte de água sanitária para nove de água e molhe o chão meia hora antes de começar a limpeza.

Não use sandálias ou calçados abertos, nem ande descalço.



Ronaldo de Oliveira/CB



JOANA RECEBEU A VISITA DA ENFERMEIRA: "VOU FAZER TUDO DIREITINHO"

MEMÓRIA

Febre, dores e vômitos

22 de maio de 2004

Denifer Quintanilha Utiwama, 17, moradora de São Sebastião, morre no Hospital Regional do Paranoá.

23 de maio

Morrem dois jovens. A moradora do Itapoã Maurícia Jesus Nascimento, 21, apresentou febre alta, vômitos, dores de cabeça e na barriga. Adauto Silva de Lima, 16, morador de São Sebastião, tinha os mesmos sintomas.

24 de maio

Secretaria de Saúde alerta que pessoas com os mesmos sintomas procurem os postos médicos.

25 de maio

O posto de Saúde de São Sebastião fica lotado de pacientes com sintomas semelhantes aos dos três jovens mortos no fim de semana.

27 de maio

O caseiro de uma chácara no bairro Conquista da Vitoria, em São Sebastião, Francisco Gomes da Silva, 24, morre com os mesmos sintomas, no Hospital de Base.

31 de maio

Secretaria anuncia que a hantavirose matou Denifer, Adauto e Francisco, depois de receber o resultado do Instituto Adolfo Lutz (IAL), em São Paulo.

Quarta-feira, 2 de junho

Especialistas começam a levantar possíveis focos da doença. Assustados, os moradores de São Sebastião sofrem preconceito.

Sexta-feira, 11 de junho

Técnicos capturam roedores na zona rural. Das 320 arapucas instaladas, 156 apreenderam ratos silvestres de oito espécies, mais do que o dobro da média calculada pela equipe. São seis os casos confirmados da doença.

17 de junho

A doença se espalha no Entorno. Hellen Salerno, 39, do Guará, que tinha um hotel-fazenda em Pirenópolis, e o lavrador de Cristalina Laurindo dos Anjos, 51, morrem com os sintomas.

21 de julho

Exames comprovam que Irene da Silva Rosa, 24, moradora do Núcleo Rural Boa Esperança, na Ceilândia, morreu de hantavirose, em 2 de julho. Governo admite risco em outras áreas do DF.

30 de julho

Confirmada a primeira vítima em Brasília. É Antônio Barreto de Paiva, 52, morador do Lago Sul. A secretaria garante que ele não contraiu a doença no bairro, mas vizinhos da QI 21 apavoraram-se pela proximidade de uma reserva ecológica.

19 de agosto

Secretaria de Saúde interdita as matas às margens do córrego Capão Comprido, na zona rural de São Sebastião, e da lagoa Poção, perto da Barragem do Paranoá. Vítimas estiveram nas duas regiões.

28 de outubro

É anunciado o fim do surto. Para especialistas, a doença só voltaria a partir de março de 2005, quando se reiniciaria o ciclo da seca no cerrado.